



EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E ESPORTE: UMA VINCULAÇÃO (IM)PRESCINDÍVEL

Claudio Kravchychyn
Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira
Universidade Estadual de Maringá – Brasil

Resumo: O presente estudo descritivo objetivou verificar, junto a alunos do Ensino Médio, os conteúdos que estudaram e vivenciaram nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental e sua aplicação no cotidiano. Como instrumento de medida, foi aplicado um questionário a 57 alunos matriculados no Ensino Médio de uma escola particular da cidade de Maringá (PR), sendo 23 do sexo feminino e 34 do sexo masculino. As questões versaram sobre tempo de estudo na escola, conteúdos estudados na Educação Física escolar no Ensino Fundamental, importância e aplicação desses conteúdos no cotidiano. Verificou-se que os conteúdos estudados foram quase que totalmente esportivos, com a predominância da prática pela prática, e que, de forma geral, efetivamente não são utilizados no dia a dia dos alunos. A partir dos dados obtidos, à luz dos autores da área, foram elaboradas possibilidades pedagógicas para o trato dos conteúdos esportivos nas aulas de Educação Física, com a intenção de auxiliar na legitimação desse componente curricular.

Palavras-chave: Educação Física escolar; conteúdo; esporte.

INTRODUÇÃO

O componente curricular Educação Física é comumente confundido com a prática desportiva pura e simples, fato que possui raízes profundas na história da disciplina. Após a Segunda Guerra Mundial, as atividades esportivas passaram a compor o currículo de Educação Física Escolar no Brasil.

Segundo Gallardo, Oliveira e Aravena (1998, p. 19), “entendia-se que o esporte levaria a criança a compreender que entre ela e o mundo existem os outros indivíduos e que para a convivência social é importante a obediência a regras claras e precisas”.

Tal corrente foi tomando corpo, atingindo seu auge na década de 1970. A Lei n. 6.251, de 8 de outubro de 1975, que trata da política nacional de Educação Física e Desportos, traz em seu artigo 5º:

O Poder Executivo definirá a Política Nacional de Educação Física e Desportos, com os seguintes objetivos básicos:

- I – aprimoramento da aptidão física da população;
- II – elevação do nível dos desportos em todas as áreas;
- III – implantação e intensificação da prática dos desportos de massa;
- IV – elevação do nível técnico-desportivo das representações nacionais;
- V – difusão dos desportos como forma de utilização do tempo de lazer (BRASIL, 1976 apud BELTRAMI, 2001, p. 29).

A vinculação direta da Educação Física com o esporte nesse período é destacada por Castellani Filho (1988), ressaltando que por meio da Educação Física estar-se-ia descobrindo e preparando futuros atletas que ganhariam medalhas em grandes competições internacionais. A Educação Física deveria ser massificada, para assim surgirem expoentes olímpicos, fato que praticamente tornou a Educação Física Escolar sinônimo de prática desportiva, caracterizada pela valorização do desempenho técnico e atlético.

Oliveira (2004b) afirma que, diante dessa diretriz, os professores de Educação Física fizeram a opção de reduzir as possibilidades formativas da disciplina à prática esportiva durante o período da ditadura militar brasileira.

A década de 1980 foi decisiva para o redimensionamento do esporte como conteúdo da Educação Física Escolar. Souza e Vago (1997) relatam que esse foi um período em que os alicerces da área foram abalados por estudos, seminários, congressos e publicações que problematizaram suas origens e sua história como componente curricular. Assim, segundo os autores, houve um aumento de profissionais comprometidos com a construção de uma Educação Física mais crítica e humanizada, caracterizada como uma área a serviço da educação.

As novas perspectivas geradas pelo forte movimento da época foram decisivas para o estabelecimento de novos horizontes para a Educação Física. Por meio da LDB n. 9.394/96 (BRASIL, 1996), a disciplina passa a ser um componente curricular integrado ao processo educacional, e não mais uma atividade paralela dentro da estrutura curricular da escola.

Aos poucos, o caráter de seletividade, competitividade e busca pelo desempenho desportivo foi desaparecendo e dando lugar ao paradigma desportivo-recreativo, que tem por característica a prática desportiva desprovida de maiores exigências técnicas e físicas, mas também da ação pedagógica, descaracterizando o papel do professor (PEREIRA, 2000).

Corroborando com essa visão, Oliveira (2004a) alerta que as atividades com fim em si mesmas, a inconsistência pedagógica, os trabalhos desarticulados e sem sequência lógica – a prática pela prática – acabam por dotar a área de descrédito perante a comunidade escolar e a população em geral. Isso pôde ser constatado no estudo de Kravchychyn, Oliveira e Cardoso (2008), no qual verificaram que a maioria dos estudantes enxerga a Educação Física baseada em práticas esportivas como um momento de lazer e descontração, desprovido de um maior compromisso com o aprendizado.

Nossa vivência como professores da disciplina Estágio Supervisionado, ao longo da última década, confirma o quadro histórico relatado. Não são raros os questionamentos dos alunos sobre “como registrar” nos relatórios de estágio aulas em que o professor apenas separa os times e deixa os alunos jogando.

A preocupação com a valorização do esporte institucionalizado como conteúdo da Educação Física Escolar é a tônica do presente estudo, em consonância com o que preconizam Palma, Oliveira e Palma (2008, p. 37), quando afirmam ser necessário “contemplar o maior número de situações de vivência e de estudos daquelas que o homem construiu com as suas ações”.

O panorama que apresentamos é paradigmático. Contribuir para um processo de mudança para ampliação de possibilidades é o norte do presente estudo. Em princípio, a mudança está nas mãos do professor. Mas cabe aqui uma indagação feita por Ruiz e Bellini (1998, p. 98): “a educação é para homem-objeto ou para homem-sujeito?”. Preferimos entender que é para o sujeito, ou seja, que os maiores beneficiários do processo ensino-aprendizagem devam ser os alunos. Por isso, tomamos a iniciativa de “ouvi-los” sobre suas vivências e experiências no esporte dentro das aulas de Educação Física, com a intenção de propor ações que os beneficiem.

Gasparin (2003, p. 23) afirma que “ouvir os alunos possibilita ao professor tornar-se um companheiro: gera confiança e possibilita também que a relação entre educador e educandos caminhe no sentido da superação da contradição, da dicotomia que possa existir entre eles”.

Dessa forma, partindo da hipótese de que a hegemonia esportiva persiste na Educação Física Escolar, o presente estudo objetiva verificar junto a alunos do Ensino Médio os conteúdos que estudaram e viveram nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental, bem como sua aplicação no cotidiano (prática extraescolar). Pretendemos, ainda, a partir da obtenção de tais dados, explorar possibilidades pedagógicas para o trato dos conteúdos esportivos nas aulas de Educação Física, que possam auxiliar na legitimação desse componente curricular.

METODOLOGIA

Para a realização deste estudo descritivo, utilizamos como instrumento de medida um questionário sobre os conteúdos estudados na Educação Física escolar e sua aplicação no cotidiano, que foi aplicado a 57 alunos matriculados no Ensino Médio de uma escola particular da cidade de Maringá (PR), 23 do sexo feminino, e 34 do sexo masculino.

Embora tenhamos partido da hipótese de que a hegemonia esportiva perdura na disciplina (mesmo após mais de uma década como componente curricular), as questões não foram direcionadas somente ao esporte, a fim de possibilitar que os alunos, caso tivessem tido experiências predominantes com outros conteúdos, expressassem tal situação.

O questionário foi composto por quatro questões, duas fechadas e duas abertas. Para composição e análise das duas questões fechadas foram utilizadas escalas Likert, uma em quatro e outra em cinco níveis de respostas. Já as respostas das duas questões abertas foram agrupadas e analisadas utilizando as indicações de Bardin (1995) para a análise de conteúdos.

Questão 1 (fechada): “Há quanto tempo você estuda nesta escola?” (opções: entrou neste ano; de 1 a 3 anos; de 4 a 6 anos; de 7 a 9 anos; de 10 a 12 anos). Questão 2 (aberta): “Quais conteúdos você estudou e viveu nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental?”. Questão 3 (fechada): “Que grau de importância você atribui às suas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental?” (opções: sem importância; pouco importantes; importantes; muito importantes). Questão 4 (aberta): “Você pratica esportes e/ou exercícios físicos atualmente em seu cotidiano, fora das aulas de Educação Física? Em caso positivo, quais são?”.

A aplicação ocorreu no horário letivo, com a presença dos pesquisadores para dirimir possíveis dúvidas durante o preenchimento das respostas.

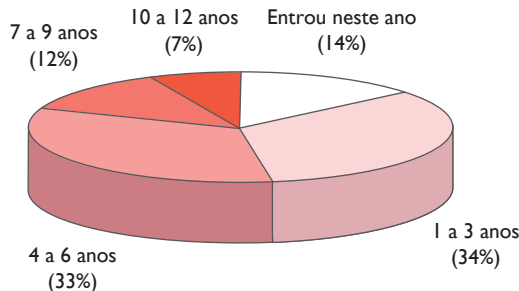
RESULTADOS E DISCUSSÃO

As turmas de Educação Física da escola onde realizamos nossa pesquisa são mistas, e a composição do somatório dos alunos de 1º, 2º e 3º anos é de 40% de meninas e 60% de meninos.

Os demais resultados estão apresentados na forma de gráficos, e discutidos mediante a literatura que trata da temática.

O Gráfico 1 demonstra o tempo (em anos) de estudo dos alunos na escola onde foi realizada a pesquisa (questão 1).

Gráfico 1
Tempo de estudo na escola



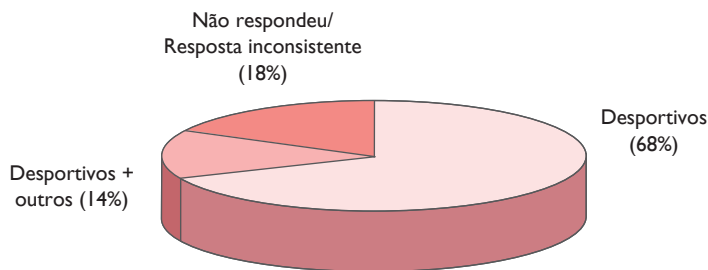
Fonte: Elaborado pelos autores.

Um aluno do Ensino Médio que estudou durante um período de 7 a 12 anos na mesma escola provavelmente terá poucas memórias de experiências em outras instituições de ensino. Contudo, 81% dos alunos estudam na escola pesquisada há menos de seis anos.

Em contrapartida, apenas 7% dos entrevistados estão nessa escola desde o início da vida estudantil. Acreditamos que, embora se trate de um estudo de caso que avalia uma realidade em particular – fato que se constitui em uma limitação do estudo –, os dados obtidos revelam experiências do Ensino Fundamental em outras escolas públicas e particulares, fato que amplia de forma tênue o quadro apresentado.

O Gráfico 2 mostra o resultado sobre os conteúdos estudados e vivenciados pelos alunos ao longo das séries do Ensino Fundamental (questão 2).

Gráfico 2
Conteúdos estudados e vivenciados pelos alunos na Educação Física Escolar do Ensino Fundamental



Fonte: Elaborado pelos autores.

Entre os depoimentos dos alunos que apontaram o trato exclusivamente de conteúdos desportivos durante o Ensino Fundamental (68%), coletamos: “Atletismo, futsal, vôlei, basquete, handebol”; “um esporte por bimestre: basquete, vôlei, handebol, futebol”; “toda aula nós jogávamos basquete, vôlei, futebol ou handebol”; “modalidades, história dos esportes, regras”; “as aulas sempre eram jogo, ou sobre como se jogava, muito esporte”; “até a 5ª série fazíamos brincadeiras de correr. Exemplo: bandeirinha, corrente, gincanas. Da 5ª a 8ª, vôlei, basquete, futsal e handebol”; “futebol em quase todas as aulas”.

Já entre os que apontaram conteúdos esportivos e outros (14%), selecionamos: “modalidades esportivas e anatomia”; “aprendi várias coisas sobre handebol, basquete etc. Aprendi também que devo me cuidar com minha saúde etc.”; “o professor dava alongamentos, explicava sobre os esportes etc.”; “esportes e o mal que as drogas causam, mesmo que ajudem nos esportes”; “era bem diversificada, tínhamos aulas teóricas sobre alguns

esportes (regras, modo de jogo), aulas práticas desses esportes (corrida, vôlei, basquete), tínhamos que fazer avaliações, como peso e altura. Algumas vezes, tínhamos avaliações sobre as aulas teóricas”.

As questões abertas abrem espaço para respostas em branco e para respostas vagas, inconsistentes ou que não respondem ao assunto solicitado (18%): “é massa”, “tudo de bom”, “fazíamos o que queríamos”, “não gosto de Educação Física”.

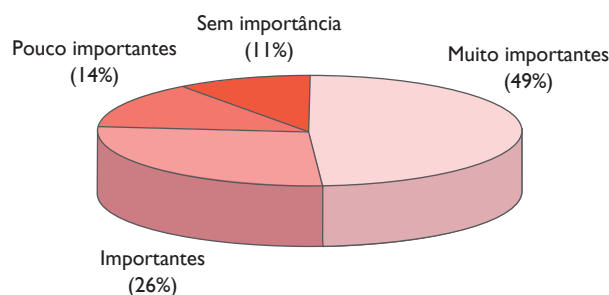
Pode-se observar a concretização da nossa hipótese, explicitada na parte introdutória do estudo, de que os conteúdos esportivos continuam hegemônicos na Educação Física Escolar, conforme a literatura da área vem alertando ao longo das últimas décadas (CASTELLANI FILHO, 1988; BRACHT, 2000; BELTRAMI, 2001; CAMPOS, 2002; DARIDO, 2004; KRAVCHYCHYN; OLIVEIRA; CARDOSO, 2008).

Como ressalta Bracht (2000, p. 15): “O esporte, enquanto fenômeno, foi assimilado pela Educação Física, inicialmente, sem que isto modificasse a visão hegemônica de sua (da Educação Física) função social (desenvolvimento da aptidão física e do ‘caráter’), mas, paulatinamente, o esporte se impõe à Educação Física”.

Verificamos que as poucas falas dos alunos que relatam conteúdos que complementam os esportivos – geralmente ligados ao corpo humano e à saúde, esquecendo-se de tantas outras manifestações ligadas à cultura corporal de movimento – são desprovidas de profundidade. Os alunos citam por alto um ou outro conteúdo, o que parece apontar para um trato esporádico e descompromissado dos conteúdos.

Verificamos, ainda, o grau de importância que os alunos atribuem aos conteúdos estudados e vivenciados (questão 3), conforme ilustra o Gráfico 3.

Gráfico 3
Importância atribuída aos conteúdos da Educação Física



Fonte: Elaborado pelos autores.

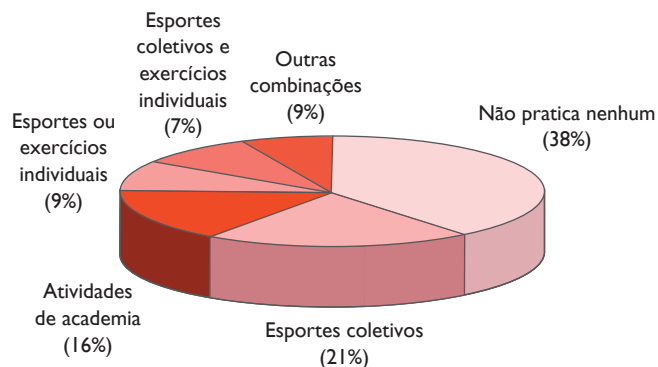
A questão, de característica fechada, procurou oferecer aos alunos um leque de quatro níveis de respostas, dois dos quais considerados “positivos” (importantes e muito importantes) e outros dois que podemos avaliar como “negativos” (pouco importantes e sem importância).

Podemos observar que 75% dos alunos julgaram os conteúdos importantes ou muito importantes, enquanto 25% atribuem aos mesmos pouca ou nenhuma importância.

Consideramos difícil quantificar com precisão esse resultado. Um olhar otimista enxergaria um quadro de satisfação, pois 75% ofereceram respostas “positivas”, um mais pessimista vislumbraria 25% dos alunos insatisfeitos.

Porém, se a maioria julga que os conteúdos são importantes (49%) ou muito importantes (26%), entendemos que os dados apresentados a seguir ganham significância, pois tratam da aplicabilidade no cotidiano do que se aprende na escola, a partir do raciocínio lógico que relaciona importância à aplicabilidade, e do entendimento que os conteúdos devem “servir para a vida” (GASPARIN, 2003; OLIVEIRA, 2004a).

Nesse sentido, o Gráfico 4 mostra se os alunos praticam esportes e exercícios físicos no seu cotidiano extraescolar e, em caso positivo, quais são (questão 4).

Gráfico 4**Esportes e exercícios físicos praticados pelos alunos no cotidiano extraescolar**

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para iniciarmos nossa discussão neste item, recorreremos à afirmação de Mattos e Neira (2000, p. 17): “a conquista das competências propostas para o Ensino Médio na área específica da Educação Física depende de uma prática educativa que tenha como eixo a formação de um cidadão autônomo e participativo”.

Dessa forma, chama-nos a atenção o fato de 38% dos alunos informarem que não praticam nenhum tipo de esporte ou exercício físico de forma sistemática. Além disso, alguns deixaram de informar quantos dias por semana e/ou quantas horas diárias realizam suas práticas, o que pode sinalizar alguma inconsistência na regularidade dessas.

A presente questão foi apresentada aos alunos de forma aberta, o que nos possibilitou verificar uma realidade vista nas aulas de Educação Física: a desmotivação das meninas pela prática de esportes coletivos, uma vez que de 12 alunos que declararam participar de atividades relacionadas aos esportes coletivos, apenas dois são do sexo feminino.

A questão é amplamente debatida por Sousa e Altmann (1999), enfatizando que os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) reforçam a necessidade da construção de uma educação básica que adote como eixo estrutural o “princípio da inclusão”, apontando para uma perspectiva metodológica de ensino-aprendizagem que busque a cooperação e a igualdade de direitos.

Contudo, o dado que mais nos chama a atenção é o que aponta para 38% de “não prática”! Se levarmos em consideração as atividades de academia e outras combinações apresentadas, como caminhar ou dançar, que não foram sequer mencionadas pelos alunos como conteúdos estudados, os dados são desanimadores. Tudo isso se contrapõe à “importância” atribuída pelos alunos aos conteúdos estudados em aula, talvez um conformismo com a situação.

Os hábitos cotidianos estão entre os fatores que, segundo Gonçalves e Villarta (2004), contribuem para um estilo de vida saudável. Se não conseguimos influenciar nossos alunos positivamente nesse sentido, falhamos em nossa missão de educadores.

O ESPORTE “NA”, E NÃO “COMO” EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSIÇÃO PEDAGÓGICA

O esporte como conteúdo integrante do componente curricular Educação Física ganha maior compreensão pedagógica. Hildebrandt-Stramann (2005) indica cinco perspectivas para a configuração didática do esporte que possibilitam ao educando a possibilidade de participação nesse concreto campo de atuação: o esporte como algo socialmente regulamentado, como algo a ser aprendido, como algo que se assiste, como algo a ser refletido e como algo a ser modificado.

Nessa perspectiva ampliada, os conteúdos esportivos ganham em riqueza de possibilidades pedagógicas. Com relação aos modelos apresentados, cabem as considerações de Mattos e Neira (2000, p. 21):

Considera-se esporte as práticas em que são adotadas regras de caráter oficial e competitivo, organizadas em federações regionais, nacionais e internacionais que regulamentam a ação amadora e profissional. Envolvem condições especiais de equipamentos sofisticados como campos, piscinas, bicicletas etc. A divulgação feita pela mídia favorece sua apreciação por um diverso contingente de grupos sociais e culturais. Os jogos podem ter uma flexibilidade maior nas regulamentações, que são adaptadas em função das condições de espaço e material disponíveis, do número de participantes, entre outros. São exercidos com um caráter competitivo, cooperativo ou recreativo, em situações festivas, comemorativas, de confraternização ou ainda de cotidiano, como passatempo ou diversão. Assim, podemos destacar, entre outros, os jogos regionais, pré-desportivos e brincadeiras infantis como conteúdos do Ensino Médio que podem ser utilizados na Educação Física escolar.

Sobre a finalidade do esporte na escola e seu caráter permanente, ou seja, preparatório para uma prática por toda a vida, Dieckert, Brodtman e Kurz (1985, p. 11) já argumentavam que “a escola deve ser uma larga avenida, onde todos tenham chance de participação, por meio de uma Educação Física organizada, de acordo com suas necessidades e orientada para o tempo livre, um companheiro para toda a vida”.

Oliveira (2004a) alerta para a necessidade de um planejamento que contemple um aumento gradativo de dificuldade e complexidade ao longo das séries, visando diminuir o desinteresse pelas práticas esportivas na escola.

Dessa forma, acreditamos que os jogos e os conteúdos esportivos sempre terão um grande espaço “na” Educação Física escolar.

Contudo, as aulas não podem continuar a ser uma simples repetição dos processos de iniciação esportiva, tampouco o simples “rola bola” sem intervenção do professor (DARIDO; SOUZA JUNIOR, 2009).

A situação parece ser crônica no ambiente escolar, local onde geralmente se concretiza o primeiro contato com os esportes, especialmente os coletivos de quadra, visto que os espaços físicos esportivos predominantes nas escolas são as quadras poliesportivas.

É preciso ampliar as possibilidades, planejando e realizando ações pedagógicas efetivas. Isso tem sido assunto em nossa área há décadas.

Coll et al. (2000) apresentam uma classificação que corresponde às seguintes questões: “O que se deve saber?” (dimensão conceitual); “O que se deve saber fazer?” (dimensão procedimental); “Como se deve ser?” (dimensão atitudinal). Tais classificações dizem respeito a todos os conteúdos possíveis de ser trabalhados na Educação Física Escolar. Contudo, as ressaltamos na aplicação aos conteúdos esportivos, pois esses podem causar acomodação na prática diária do professor. Apenas ensinar a técnica, a tática e as regras, por si só e sem um maior trato pedagógico, provavelmente não será suficiente para o processo educacional acontecer plenamente.

Assim, a proposição que ora realizamos compreende a necessidade de proporcionar aos alunos: o conhecimento sobre os esportes, mediante aspectos históricos, culturais, antropológicos, econômicos, fisiológicos, entre muitos outros; o aprendizado das técnicas, visando à instrumentalização para a prática de tempo livre e até mesmo o aperfeiçoamento daqueles que possuem aptidão para tanto; a coparticipação, o “jogar com”, a vivência dos sentimentos próprios da vida (alegria, tristeza, vitória, derrota, ética, falta de ética etc.).

Enfim, a superação dos problemas “crônicos” da aplicação do esporte como conteúdo do componente curricular Educação Física aqui apontados (a limitação aos esportes coletivos de quadra, a prática pela prática, entre outros) deve ser uma preocupação constante nos planejamentos e nas práticas pedagógicas dos professores de Educação Física na escola.

CONCLUSÃO

O percurso histórico apresentado na introdução do estudo justifica o entendimento dos alunos do Ensino Médio sobre a Educação Física na escola. Suas vivências, expressadas nas respostas, mostram um conceito reducionista, sob o qual o esporte é entendido como sinônimo da disciplina – componente curricular! – Educação Física, que é vista por eles como uma atividade descompromissada e sem maiores finalidades.

Foram explicitados, a partir dos dados apresentados, alguns paradigmas da área que impedem a legitimação do nosso componente curricular, tais como a redução da formação acadêmica do professor (que ensina prioritariamente ou até exclusivamente os conteúdos esportivos), a prática pela prática e o desinteresse dos alunos pelos conteúdos (que são “importantes” para eles, mas não são efetivamente utilizados no seu dia a dia). Se procurarmos nas entrelinhas, poderemos encontrar mais e mais “entraves” no caminho da legitimidade.

Tratamos aqui do esporte institucionalizado (desporto) e suas formas de vinculação: mostramos a “prescindível”, na qual o esporte é considerado a própria Educação Física, e vislumbramos a “imprescindível”, que contribui para a legitimação do componente curricular Educação Física nos seus aspectos formativos e informativos.

Como patrimônio cultural da humanidade, o esporte está presente na mídia, nos assuntos do dia a dia, nos sonhos de ascensão social, nas brincadeiras etc. Reduzir as possibilidades de trabalho pedagógico com o esporte à simples prática é desperdiçar uma riqueza ímpar de possibilidades.

Não se trata aqui de “impor” a condição de componente curricular da disciplina Educação Física comparando com outras, nas quais não são questionados os teoremas, as fórmulas, os mapas, as conjugações verbais etc. É fundamental conscientizar, conquistar (alunos, gestores, funcionários, pais, professores de outras disciplinas e até mesmo, e principalmente, os da Educação Física), mostrar a importância dos conteúdos, entre os quais está o esporte e suas amplas possibilidades. Enfim, sair da tradicional “zona de conforto” das práticas esportivas (como simples práticas) durante as aulas. Eis o desafio que se apresenta aos educadores.

SCHOOL PHYSICAL EDUCATION AND SPORT: A (IN) DISPENSABLE LINK

Abstract: This descriptive study had as its aim to verify, along with High School students, the contents that were studied and experienced by them during their Physical Education classes in Elementary School, and their daily applications. As a mean of measurement it was applied a questionnaire to 57 high school students in a private school in the city of Maringá (PR), – 23 females and 34 males. The questions concerned studying time in school, studied contents in Elementary School Physical Education, their importance and application in daily life. It was verified that the studied contents were mainly sportive ones with the predominance of only practice and that, in a general way, they are not effectively applied in students' daily routine. From the obtained data and the comprehension from authors in the area, some pedagogical possibilities to the approach of sporting contents in Physical Education were developed having the intention of legitimizing this curricular component.

Keywords: school physical education; content; sport.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BELTRAMI, D. M. Dos fins da Educação Física Escolar. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 27-33, 2001.
- BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 14-24, 2000.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF: 1996.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF: 1997.
- CAMPOS, A. P. As ideologias da Educação Física Escolar brasileira: barreiras à consolidação de novas abordagens. **Revista Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 63-67, nov. 2002.
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física do Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papyrus, 1988.
- COLL, C. et al. **Os conteúdos na reforma**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- DARIDO, S. C. A Educação Física na escola e o processo dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, v. 18, n. 1, p. 61-80, jan./mar. 2004.
- DARIDO, S. C.; SOUZA JUNIOR, O. M. Dispensa das aulas de Educação Física: apontando caminhos para minimizar os efeitos da arcaica legislação. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 1-12, 2009.
- DICKERT, J.; BRODTMAN, D.; KURZ, D. **Elementos e princípios da Educação Física: uma antologia**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.
- GALLARDO, J. S. P.; OLIVEIRA, A. A. B.; ARAVENA, C. J. O. **Didática da Educação Física: a criança em movimento**. São Paulo: FTD, 1998.
- GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2003.
- GONÇALVES, A.; VILLARTA, R. **Qualidade de vida e atividade física: explorando teoria e prática**. Barueri: Manole, 2004.
- HILDEBRANDT-STRAMANN, R. **Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- KRAVCHYCHYN, C.; OLIVEIRA, A. A. B.; CARDOSO, S. M. V. Implantação de uma Proposta de Sistematização e Desenvolvimento da Educação Física do Ensino Médio. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 39-62, maio/ago. 2008.
- MATTOS, M. G.; NEIRA, M. C. **Educação física na adolescência: construindo o conhecimento na escola**. São Paulo: Phorte Editora, 2000.
- OLIVEIRA, A. A. B. Planejando a Educação Física Escolar. In: VIEIRA, J. L. L. (Org.). **Educação Física e Esportes: estudos e proposições**. Maringá: Eduem, 2004a.
- OLIVEIRA, M. A. T. Educação Física escolar e a ditadura militar no Brasil: entre a adesão e a resistência. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 9-20, jan. 2004b.
- PALMA, A. P. T. V.; OLIVEIRA, A. A. B.; PALMA, J. A. V. **Educação Física e organização curricular: educação infantil e ensino fundamental**. Londrina: Eduel, 2008.

PEREIRA, F. Nível médio de ensino, Educação Física e conhecimento. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 45-67, jan./jun. 2000.

RUIZ, A. R.; BELLINI, L. M. **Ensino e conhecimento**: elementos para uma pedagogia em ação. Londrina: Editora UEL, 1998.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 52-68, ago. 1999.

SOUZA, E. S.; VAGO, T. M. O ensino da Educação Física em face da nova LDB. In: COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (Org.). **Educação Física Escolar frente à LDB e aos PCNs**: profissionais analisam renovações, modismos e interesses. Ijuí: Sedigraf, 1997.

Contato

Claudio Kravchychyn
Avenida Colombo, 5790, Campus Universitário, Zona Sete
Maringá – PR – Brasil – CEP 87020-900
E-mail: claudiokrav@gmail.com

Tramitação

Recebido em 21 de julho de 2010
Aceito em 18 de outubro de 2011